

JACQUES FUX: memória, judaísmo e o processo criativo de *Antiterapias*Laura Jovchelovitch¹

O que é ser judeu, como a memória individual e coletiva influencia o processo criativo de um escritor, quais são as particularidades da autoficção, como um livro ganha forma e qual a importância dos prêmios literários. Essas são algumas das questões abordadas pelo escritor mineiro Jacques Fux nesta entrevista, realizada em 11 de março de 2024, por videochamada.

Vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2013 com *Antiterapias*, seu primeiro romance, Fux conta como foi estruturar e escrever esse livro, cuja narrativa, segundo ele próprio, está muito apegada às suas experiências de vida. Durante a conversa, o autor também explica como a memória e o judaísmo aparecem no seu processo criativo como um todo. “Todos os meus livros de alguma forma caminham com a minha memória pessoal, entrelaçada com a memória histórica e coletiva judaica”, afirma.

LJ — O que é o judaísmo para você? Como ele está presente na sua vida?

JF — Você já começou com uma pergunta bem difícil. Acho que a grande questão que eu exploro nos meus livros, em basicamente todos, é justamente essa questão do que é

¹ Esta entrevista faz parte da minha pesquisa de mestrado, orientada por Luiz Antonio de Assis Brasil, que busca investigar o papel da memória afetiva no processo criativo de escritores judeus brasileiros contemporâneos, mais especificamente nas obras com temática judaica. Além disso, procura entender as semelhanças e diferenças entre o uso da memória nos processos de criação literária e as perspectivas sobre judaísmo e sobre escrita de cada um dos autores entrevistados. Laura Jovchelovitch é Mestranda em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CNPq. E-mail: <laurajovchelovitch@gmail.com>

ser judeu, o que é essa questão tão antiga, tão tradicional, e tão ao mesmo tempo absurda, quase surreal. Porque é uma coisa assim meio criada, uma invenção, mas ao mesmo tempo é uma coisa que nos conduz e nos carrega ao longo de gerações — e a gente é marcado por conta disso; seja marcado internamente pela nossa família, pelas nossas vivências, hoje ou ao longo da história. Digo “hoje” porque depois do 7 de outubro isso foi revisitado de uma forma muito forte e, por conta das coisas que a gente já viveu no passado, pelo olhar do outro. Por mais que você esteja ou não inserido dentro da sua sociedade, da sua comunidade, parece que no fundo, historicamente, o outro sempre te define. Apesar de no *Antiterapias* eu contar algumas histórias de que no começo eu era afeito à religião, depois eu passei a não ser muito. Ao mesmo tempo, gosto muito da cultura, da literatura judaica, das histórias, de Israel. Acho que essa minha questão judaica está muito associada à questão da existência de um estado judeu. Mas, enfim, a questão religiosa não me atrai. Então, para mim, a questão do judeu é uma questão um pouco maior. Uma questão de uma cultura, de uma tradição, que ao mesmo tempo é forte e ao mesmo tempo é completamente absurda, se você entrar nas minúcias, porque somos seres humanos no fim das contas.

LJ — *Antiterapias* é um livro com muita metalinguagem, que brinca com as fronteiras entre narrador, escritor e personagem, realidade e ficção. O quão consciente foi esse processo?

JF — De fato. Minha tese de doutorado foi justamente trabalhando com essa questão do Oulipo, desse grupo que fazia o uso de regras. Além disso, eu estudei muito Borges e Perec, que são escritores que vão incorporando e vão, entre aspas, fazendo isso que eu sustentei na minha tese de doutorado, que é esse plágio literário, que não é um plágio com o sentido de esconder a obra do outro, mas de fazer uma homenagem à obra do outro. Então, quando eu escrevo o *Antiterapias*, eu penso em colocar essa intertextualidade, essa coisa de roubar textos de outros escritores, e penso em fazer isso oficialmente. A ideia é justamente baseada no Oulipo. Então eu penso em utilizar textos, penso em criar um texto como sendo hipertexto. No *Antiterapias*, é proposital esse roubo, esses hipertextos. E a ideia é justamente aquele conto do Borges em que ele fala do Kafka, “Kafka e seus precursores”. Algumas vezes as pessoas, o que é muito

interessante, citavam trechos do *Antiterapias* e eu falava “Olha, isso aqui é muito bonito, mas isso aqui não é meu, não”. Só que eu não uso aspas, não uso nada, e a ideia é justamente que a minha narrativa incorpore as outras narrativas. Essa *contrainte*, essa restrição, ela não pode saltar aos olhos. Muitas vezes, ela está disfarçada lá no texto; a narrativa é muito parecida [com a minha] e ela vai entrando, [mas é] um texto de outra pessoa. Isso foi pensado como uma restrição: em cada capítulo tem que aparecer tantas [intertextualidades], em cada capítulo alguns autores são homenageados. Ou a história desse jovem judeuzinho de Belo Horizonte se encontra com a história do Philip Roth, do *Complexo de Portnoy*, ou se encontra com o Bloom do James Joyce ou com o Marcel, o narrador do *Em busca do tempo perdido*... Então essas coisas são propositais e usadas como se fossem uma regra mesmo, oulipiana.

LJ — Como você escolheu as suas memórias, especialmente ligadas a judaísmo, cultura, família, que fariam parte da ficção de *Antiterapias*?

JF — Acho que não foi uma seleção preconcebida. Eu sinto muito isso: a gente começa um projeto de livro e a gente não sabe muito bem onde vai chegar. O livro vai criando vida, criando forma, abrindo caminhos. Sobretudo nesse tipo de literatura que eu faço, que é hipertextual: a cada momento algumas coisas vão nos surpreendendo. Algumas ideias aparecem ao longo do projeto, algumas você vai deixando de lado. O *Antiterapias*, que foi o meu primeiro livro, minha primeira incursão ficcional, foi um livro que foi surgindo. Eu tinha essa ideia de falar sobre alguns elementos da minha vida, tinha a ideia de mesclar esses elementos com a literatura, essa literatura que eu gosto de ler, que também tem de muito judaica². Mas ao mesmo tempo eu não sei te falar quais os momentos que eu selecionei e quais deixei de selecionar. Talvez isso eu tenha feito um pouquinho mais consciente no livro *As coisas de que não me lembro, sou*, em que trago justamente as coisas de que eu não me lembro, mas que me tornaram o que sou. [Nele] tem mais algumas questões judaicas. Mas acho que no *Antiterapias* foram momentos que são importantes para mim, que foram importantes, alguns deles momentos que

² Por e-mail, pedi para Jacques citar alguns autores judeus que influenciaram a escrita do *Antiterapias*. Ele respondeu: “Eu lia muito o Philip Roth, Isaac Bashevis Singer, Saul Bellow, Woody Allen...”.

doem também. Porque acho que literatura é isso; eu digo que é tipo uma exposição da alma. E [nesse caso] acho que foi isso. Foi um projeto muito inocente, que era meu primeiro livro; eu não sabia no que ia dar. Teve essa surpresa do Prêmio São Paulo, que, enfim, acho que foi por causa disso que eu pude continuar, que estou continuando.

LJ — Já aconteceu de você escrever, reler e só depois perceber que tinha colocado uma memória sua?

JF — Não, acho que ele foi indo, sabe? Eu sempre fui muito assim de ter memórias, de guardar as minhas memórias. Acho que a literatura tem esse lance muito interessante de que, no momento em que você escreve essas suas memórias, acaba de alguma forma se esquecendo delas. Então acho que, quando leio o *Antiterapias*, eu vejo muitas coisas de que já não me lembrava mais, enquanto que, na minha vida até a escrita do *Antiterapias*, [essas mesmas] coisas ainda estavam muito presentes. Falo muito desse projeto de esquecimento nesse meu último livro, *Nunca vou te perdoar por você ter me obrigado a te esquecer*, que é justamente esse ato de escrever, de registrar e de tirar de você, de perder, de esquecer. Literatura tem esse lance de um registro, de uma eternização, mas de uma espécie de vazio que se forma no autor.

LJ — O quanto *Antiterapias* teve de organização prévia, como algum roteiro mais ou menos concreto?

JF — Lembro que estruturei [o livro] mais ou menos como está o índice. Eu sempre fui esse jovem, essa criança, que queria ser tudo. E brincava com isso, porque acho que o escritor é justamente esse cara que pode ser tudo. Pode ser um paleontólogo como eu fui quando escrevi um livro sobre paleontologia para crianças... Posso ser sambista agora que escrevi a biografia da Ivone Lara... Enfim, o escritor pode ser [tudo] isso. Eu gosto muito dos capítulos do *Antiterapias*, acho que eles são muito poéticos: O astrofísico, O escritor, O poeta, O matemático, O geneticista... Ele foi estruturado mais ou menos a partir de todos esses desejos que eu tive. É lógico que alguns também são inventados. Alguns seriam interessantes naquele contexto literário. Mas, enfim, eu tinha esse desejo mesmo de ser muitas coisas.

LJ — Considerando seus outros livros, como você acha que a memória aparece no seu processo como um todo? E qual a relação disso com o seu judaísmo?

JF — Acho que a memória individual sempre contorna os meus livros. Em todos os [meus] livros tem muito dessa questão da memória, dos desejos, das falhas, das faltas. E tem também o lance dessa memória coletiva, dessa memória judaica. Esse *Herança*, que é um livro [meu] que acho muito bonito, mas muito forte, fala sobre essa coisa do trauma transgeracional. Eu brinco que tenho um projeto. Assim, na verdade *foi* um projeto. Meus quatro primeiros livros, *Antiterapias*, *Brochadas*, *Meshugá* e *Nobel*, são mais autoficcionais ou mesmo brincam com essa questão da literatura, desse hipertexto literário. Já nos outros livros estou trabalhando com a questão do silêncio, da transmissão do silêncio, que é uma coisa muito judaica, muito relacionada aos traumas. Então o *Herança* trata dessa transmissão traumática, dessas guerras, sobretudo do Holocausto. O *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* conta justamente a história da minha família, da memória da minha família, mas do silêncio que os pogroms perpetuaram. Meu bisavô morreu num pogrom, então isso nunca foi falado, isso nunca foi discutido. [De certa forma] a minha vida e a vida do meu pai foram calcadas por esse silêncio. E depois tem justamente esse *As coisas de que não me lembro, sou*, que é um livro sobre a memória, mas a memória das coisas que a gente não lembra e que nos torna o que somos; é um conceito bem analítico. E por fim esse projeto, que eu chamo de “transmissão pelo silêncio”, termina com esse *Nunca vou te perdoar por você ter me obrigado a te esquecer*, que é justamente [sobre] falar, elaborar, discutir para de alguma forma conseguir superar. Então acho que, sim, todos os meus livros de alguma forma caminham com a minha memória pessoal, entrelaçada com a memória histórica e coletiva judaica.

LJ — E você percebeu diferenças entre o processo criativo desses livros mais autoficcionais e o dos que têm personagens mais distantes da sua realidade?

JF — Acho que a questão autoficcional sempre mexe com você de uma forma diferente. Escrever de uma forma um pouco mais distante também é comovente, é doloroso,

porque de alguma forma você entra nesse personagem e acaba incorporando esse personagem. Mas escrever sobre você, de você... Tudo é nosso, né? Tudo é autoficcional de alguma forma. Mas quando você vasculha algumas questões, alguns amores, alguns problemas, eu acho que é diferente, sim. Talvez você tenha um controle maior quando você fuja mais [as próprias memórias]. Enquanto que quando você escreve um personagem um pouco mais distante, talvez você tenha um controle um pouco menor dele. É, não sei, mas talvez a elaboração de cada um dos dois seja um pouco diferente.

LJ — Para escrever o *Herança*, você chegou a analisar documentos, ler textos, diários, teve uma pesquisa maior, certo?

JF — Todos têm muita pesquisa, mas de fato o *Herança* foi um livro muito mais sofisticado. Acho que a escrita [dele] é muito mais suave, mas a pesquisa é muito mais sofisticada, que foi basicamente o meu pós-doutorado, os pós-doutorados que eu fiz. Eu quis transmitir aquilo de uma forma mais romanceada.

LJ — Mas mesmo sendo inspirado em fatos fora da sua vida, você chegou a incluir memórias suas no *Herança* também?

JF — Não, no *Herança*, não. Apesar de que uma das narradoras, que é a neta (eu não sou neto [de sobrevivente do Holocausto]), mas sou neto de alguém que vivenciou um pogrom), acabe se tornando uma pesquisadora do tema. Então de alguma forma tem alguma coisa minha porque eu também virei um pesquisador dessa questão. Mas acho que o *Herança* não tem nada assim de [estritamente] autoficcional, embora seja autoficcional porque faz parte das minhas pesquisas.

LJ — Quais diferenças existem entre o olhar que você tinha do *Antiterapias* na época em que escreveu e o que tem hoje?

JF — Essa é uma boa pergunta. Na verdade, tem muito tempo que eu não releio o *Antiterapias*. Eu escrevi lá para 2011, 2010, e ele foi publicado só em 2012. Em 2013, eu reli, porque quando ele foi finalista do prêmio São Paulo, comecei a ler todos os livros

que estavam concorrendo e o meu. E aí ficava [pensando]: “Puxa, Jacques, por que você escreveu isso? Por que que você não escreveu desse jeito?”. Há pouco tempo eu reli um pouco assim, com uma certa distância, quando saiu a nova edição por uma nova editora. De fato, eu gosto [dele]. Eu acho que é o primeiro livro de alguém, então tem uma certa ingenuidade literária ali, o que é bom, mas o que também não é. Assim, em termos de sofisticação literária, poderia ser melhor hoje, com o que eu tenho. Mas ao mesmo tempo é um livro muito sincero, muito honesto, muito delicado, sensível. Saiu uma resenha dele no Haaretz, isso em 2019, falando muito bem do livro, que foi escrito em 2012, no Brasil, e o principal jornal de Israel falou muito bem dele. No México também, onde ele foi publicado em 2019, também se escreveu muito bem dele. Então, eu fico feliz. Agora, de fato, acho que os livros vão mudando com o tempo. Mas eu gosto muito dele. Acho ele ingênuo, mas muito verdadeiro.

LJ — Agora voltando um pouco para o processo criativo. No livro, tem algumas cenas em que o judaísmo aparece de forma mais explícita, como as aulas e rezas na escola judaica, o *shnat*³ e os sábados no Dror⁴. O que te inspirou a escrevê-las? Você usou experiências suas?

JF — O *Antiterapias* é bem apegado às minhas próprias experiências. Lógico que tem a pena de um escritor ficcionista, que também, em alguns momentos, cria algumas coisas. Mas, sim, eu fiz *shnat*, quando eu era novo, tinha essa escola com as rezas matinais, de que eu participava sem me perguntar o que estava sendo dito, cantado; estudei até a quarta série nessa escola judaica; os amigos judeus do Dror; isso tudo é parte da minha vida.

LJ — Um trecho de *Antiterapias* que me marcou muito é aquele em que o narrador fala que vai reafirmar a sua cultura, a sua origem e que, ao rever e reinventar as suas

³ Shnat Hachshará: ano de capacitação e estudos em Israel para jovens de movimentos juvenis judaicos.

⁴ Habonim Dror: movimento juvenil judaico, com sedes em várias cidades no Brasil e no mundo, inclusive em Belo Horizonte.

lembranças, percebe o quão estrangeiro é.⁵ O quanto isso se relaciona com a sua própria experiência? O que te motivou a escrever sobre esse sentimento?

JF — Acho que é justamente isso que eu falei no preâmbulo. Porque ao mesmo tempo que você vai visitar essa questão judaica, esses valores, essa tradição, essa cultura, essa religião, você vê de alguma forma o quanto isso é abstrato, o quanto isso é uma grande invenção, que você recebe milenarmente. Às vezes me perguntam “Seu pai e sua mãe são judeus?”, e eu falo “Todo mundo até Moisés na minha família é judeu”. É muita coisa, né? Todo mundo ser judeu até Moisés. Então você vai recebendo essas coisas. E em algum momento você pensa e fala “Puxa, isso tudo é um grande absurdo”. Absurdo no sentido do que isso tudo representa. Isso é uma grande história. Mas ao mesmo tempo isso está muito arraigado na sua alma. Hoje mesmo eu falo sobre isso. Enfim, a gente está nesse momento terrível de direita e esquerda, após esse 7 de outubro, do qual ninguém no fundo gosta. Mas na verdade ninguém tem que falar “eu gosto de judeu” ou “eu não gosto de judeu”. A pessoa tem que gostar da Laura, do Jacques. E se a Laura é uma pessoa boa, não estou nem aí para qual é a ascendência da Laura ou do Jacques. [Por exemplo] a direita fala “Olha, eu gosto dos judeus”, mas que judeu é esse de que eles estão falando? Quem é esse judeu, que criação é essa? Eles querem justamente esse judeu que algum dia vai aceitar Jesus de volta, e fazer as conversões forçadas. Eu particularmente me associei à esquerda contra essa figura terrível. Mas a esquerda jamais gostou, nunca vai gostar, porque acha que nós somos os donos do monopólio da cultura, do dinheiro, de tudo... Enfim, os Protocolos dos Sábios de Sião — dos dois lados. Então, acho que as pessoas não tinham que gostar. Como alguém que talvez fale “eu não gosto de japonês”, mas você conhece um japonês que é legal e você conhece um que não é. Então acho que isso é uma grande história, né? Mas que tem muita coisa que a gente vai recebendo.

⁵ “Eu, judeu, protegido por vários úteros, inserido em muitos pequenos mundos. Família, escola, amigos, diáspora. (*Eu existo pelo olhar dos malditos nazistas. E agora reafirmo minha cultura. Minha origem. Revendo e reinventando minhas lembranças, vejo o quão estrangeiro sou.*)” (Fux, 2022, p. 49)

LJ — O livro também aborda o antissemitismo. O quanto essas cenas, principalmente aquelas que aparecem em itálico, tiveram de pesquisa, de memória, de histórias que você ouviu e o quanto elas tiveram de invenção sua?

JF — É, [essas cenas] falam da história do Bormann, né? Que é uma história também supercomplicada e traz essas coisas dessa *ratline*, dessa fuga desses nazistas, que foram muito bem recebidos em alguns países, sobretudo no Brasil, na Argentina. Enfim, essa parte tem uma [referência] bem histórica, bem em busca dessa jornada desses nazistas que fugiram, que se esconderam. Então, é uma narrativa dentro de uma narrativa. E aí tem toda essa questão literária no livro.

LJ — Mas você chegou a misturar alguma memória também nessa criação?

JF — O livro sempre tem mistura, sabe? A definição “A” do escritor é que você nunca pode confiar no escritor. Aquilo sempre tem alguma coisa [do escritor]. Inventada ou não. E eu acho uma leitura pobre [a de] alguém que se prende a falar “Não, isso é cem por cento verdade” ou “Isso aqui é cem por cento mentira”. Acho que é esse [o] pacto. Então eu acho que as coisas vão se misturando. E a memória tem esse processo também. Talvez eu mesmo, ao ler esse livro, encontre muitas coisas que vou me perguntar se são verdade ou se não são verdade. Meus amigos me perguntam “É verdade? Não é verdade?”. [E eu respondo] “Ah, isso eu não lembro”, “Ah, isso eu lembro”. A memória é uma criação e uma atualização também. Isso é muito interessante.

LJ — Que histórias sobre ser judeu ou judia hoje ainda não foram contadas e você gostaria de ler ou escrever?

JF — A gente precisa entender muito bem esse 7 de outubro. Eu tenho pensado nisso diariamente. Na verdade, não no 7 de outubro em si, mas no que aconteceu depois, no que tem acontecido, no que está acontecendo agora. Eu acho que é justamente isso: aqueles alemães, aqueles judeus alemães totalmente assimilados à cultura alemã, que eram os “grandes alemães” e que o Primo Levi, por exemplo, argumenta que caminhavam para os campos, para as câmaras de gás e colocavam o dedo no nariz dos

soldados alemães falando assim “Eu sou muito mais alemão do que você. Que que eu tô fazendo aqui?”. Ou seja, a gente já tinha lido isso ou já leu isso ao longo da história inteira desse não pertencimento judaico. E isso do 7 de outubro tem mostrado para o mundo inteiro esse não pertencimento. Enfim, não sei se foi alguma coisa que a gente fez errado no sentido de educar, porque eu fico pensando nessa ascensão da extrema direita em Israel também, de alguma forma exaltando, exacerbando o Holocausto. Talvez a partir disso. E aí estudos mostraram que isso tornou mais difícil eles dialogarem com os palestinos. Enfim, nada se justifica, mas é um momento para você repensar ou pensar de novo com novas teorias. Então acho que isso é importante escrever, mas não está na hora ainda. Não está na hora, porque a gente precisa elaborar muito ainda. Então espero que saiam estudos (ou mesmo que eu tenha uma vontade de escrever em algum momento), mas acho que a gente precisa entender esse não pertencimento.

LJ — Ah, por favor escreva, seria ótimo.

JF — É, mas ainda precisamos elaborar, né? Porque o negócio ainda está... Nesse negócio do Oscar de ontem também tem umas coisas, umas homenagens e umas que não eram homenagens... está uma coisa bem... A gente não está entendendo. Nem o cara que ganhou o Oscar com esse *Zona de interesse*, que é um filme justamente sobre essa questão da banalidade do mal: ele fez um discurso lá que eu já ouvi algumas vezes, e eu não estou entendendo o que ele está argumentando. Porque, não sei se você está percebendo, a galera está cortando uma parte do discurso que mostra que ele está defendendo a Palestina, mas se você ouve o discurso inteiro, a primeira coisa que ele fala é do 7 de outubro. Mas ao mesmo tempo o cara está com um estado de nervos e disse ter ganhado [um prêmio] tão grande que você não consegue entender o que está nas entrelinhas dele. Ao mesmo tempo, você está vendo que a esquerda está usurpando esse discurso, fazendo um corte e mostrando que “até esse cara tá defendendo o que aconteceu”. E não é verdade, porque tem a menção ao 7 de outubro, e isso a maioria não faz. E aí também tem outra galera que vem com aquele *pin*, com aquele broche, que uns falam que é em homenagem aos judeus que faleceram e outros falam que não, que foi o sangue dos que foram linchados, então a gente não está entendendo nada mais.

LJ — Tem mais alguma coisa que você não falou e gostaria de falar?

JF — Tenho um carinho assim superespecial pelo *Antiterapias*. Brinco que quando era pequeno eu achava tão maravilhoso ser escritor, que escritor para mim andava no mesmo pé de igualdade que ser super-herói: o Batman, o Super-Homem e o escritor, né? Então o *Antiterapias* é uma escrita sem saber o que ia dar da vida. É um livro que eu escrevo com uma verdade muito grande. É um livro que era para ser um sonho. E é um livro que realizou esse meu sonho. Porque eu tenho certeza que se o *Antiterapias* não tivesse ganhado o Prêmio São Paulo, eu não estaria aqui agora. Eu acho que eu poderia continuar escrevendo, mas é uma vida muito dura essa da literatura, mesmo com prêmios, com publicações, livros traduzidos em outros países, mesmo assim é uma batalha todos os dias. Mas, assim, acho que sem esse prêmio, não teria acontecido. Nada disso. E eu sou muito feliz sendo escritor. Apesar de todas as dificuldades, desânimos, silêncios e não, é o que gosto de fazer. Eu acordo às cinco horas da manhã para escrever, e isso me faz muito feliz. Tudo isso eu devo ao *Antiterapias*.